

A Cronologia do Período dos Juizes

Thomas Tronco dos Santos

1. Introdução

Tratar da cronologia ligada ao período dos juízes de Israel, descrito nas Escrituras, é um desafio e um trabalho árduo do qual não se deve esperar o surgimento de soluções cabais para todos os problemas.

É um período que narra a história pré-monárquica de Israel onde os povos coadjuvantes são os arameus, os moabitas, os filisteus, os cananeus, os midianitas e os amonitas, povos esses que oprimiram tribos israelitas nesse intervalo de tempo. O problema criado por essa curta lista de povos que interage com Israel é que a maior parte do conhecimento que temos de suas histórias são os próprios relatos bíblicos. A ausência de fatos relacionados a outros povos como os egípcios, os hititas e os povos mesopotâmios, dos quais se tem bom e confiável conhecimento histórico extrabíblico, torna difícil relacionar os feitos e as datas dos juízes de Israel à História do Oriente Médio Antigo.

Internamente a escassez de informações relativas a datas é evidente. O livro de Juízes oferece apenas os limites históricos do período. O texto de Jz 2.8-23 expõe um resumo da dinâmica dessa época e revela seu início logo após a morte de Josué. Por outro lado, os textos de Jz 17.6, 18.1, 19.1, 21.25 informam que os acontecimentos narrados no livro se deram antes que houvesse rei em Israel, fixando o limite máximo do período na coroação de Saul como rei de Israel (1Sm 11.15). Assim, entre a morte de Josué e a coroação de Saul atuaram os homens que julgaram e libertaram Israel de seus inimigos. De todos eles, apenas Samuel (se considerado juiz) tem relação direta com reis cujas datas são conhecidas. Como não há menções diretas, no livro de Juízes, a pessoas como Moisés, Arão, Eli e Samuel¹ que favoreçam uma relação cronológica entre esses personagens e os fatos históricos que envolvem os juízes de Israel, o trabalho de datar o período não é fácil.

Entretanto, não é uma tarefa impossível. Há fatos narrados nas Escrituras que encontram perfeita correspondência na História Antiga e podem ser datados com precisão. Partindo desses pontos fixos é possível, com dedicação, calma, honestidade e um conceito firme a respeito da inerrância bíblica, fazer uma teia de relações entre

¹ Sean M. Warner, *The Dating of the Period of the Judges*, *Vetus Testamentum* 28/4, 1978, p. 456-457.

dados históricos de modo a reconstruir a cronologia que em um primeiro momento se mostra obscurecida pela parcimônia de registros cronológicos nos relatos bíblicos, pela ausência de citações de nomes e acontecimentos conhecidos da História secular e pelo grande espaço de tempo que nos separa dessa época.

2. A Data do Início da Construção do Templo

Uma data para a partida desse estudo está ligada ao início da construção do Templo em Jerusalém por Salomão (1Rs 6.1). Esse evento está relacionado a duas datas: o êxodo de Israel (relação que será tratada posteriormente) e o início do reinado de Salomão.

O Templo começou a ser construído no segundo mês do quarto ano do reinado de Salomão. A partir dessa data é possível determinar o ano do êxodo e ter, assim, limites cronológicos para o período dos juízes.

Thiele² fez um magistral trabalho nessa área tomando como base a confiável datação da história assíria e fazendo uma sincronia com a história dos reis de Judá e dos reis de Israel. Tendo como certas as datas de alguns acontecimentos bíblicos em relação à datação da história secular, ele seguiu o paralelismo entre os reis de Judá e Israel que teve seu ponto de partida no início do reinado de Jeroboão em Israel (1Rs 15.1,2,9). Esse evento coincide com a morte de Salomão e com o início do reinado de Roboão em Judá.

Ele lidou com as dificuldades decorrentes de critérios variáveis na antiguidade como: considerar ou não o ano de acesso ao trono como ponto de partida da contagem de um reinado; se nas relações entre os reinados de Israel e Judá as referências feitas pelos escribas ao reino rival levam em conta a maneira de contar daquele reino ou a maneira da pátria do escriba³; a inclusão ou não dos anos de corregência de um rei; e se todos esses critérios permaneceram fixos com o passar do tempo.

Desse modo Thiele definiu como data da morte de Salomão o ano 931 a.C.⁴ Levando em conta que o Templo de Jerusalém começou a ser construído no quarto dos quarenta anos de reinado de Salomão, esse evento chave para a datação dos séculos anteriores ocorreu no ano 966 a.C.

Recentemente Young⁵ observou que Thiele pressupôs a morte de Salomão na segunda metade do ano judaico, mesmo sem haver qualquer coisa que impeça que tenha ocorrido na primeira metade. Em Israel o mês usado como parâmetro para a contagem dos anos de um reinado era Nissã (primeiro mês do ano), enquanto em Judá era Tisri

² Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1965.

³ Na época dos primeiros reis do reino dividido Judá computava o ano de acesso ao trono na contagem de um reinado enquanto Israel não contava o ano de acesso.

⁴ Edwin Thiele, *opus cit.*, p. 54.

⁵ Rodger C. Young, *When Did Solomon Die?* Journal of the Evangelical Theological Society 46/4, 2003, p. 589-603.

(sétimo mês). Assim, quando a contagem já tinha computado mais um ano ao reinado em Israel, em Judá ainda se contava como o mesmo ano. Se Salomão morreu na primeira metade do ano que começa em Nissã, em Israel já seria outro ano, ao passo que em Judá, ainda não. Como a morte de Salomão é relacionada com a cronologia dos reis de Israel por meio do início do reinado de Jeroboão (1Rs 15.1), isso retrocede um ano o início do reinado de Salomão e coloca o início da construção do Templo em 967 a.C., um ano antes do que Thiele propôs.

Young também observou que Thiele defendeu um sistema em que os reinos usaram apenas parcialmente seus critérios de contagem aplicados ao reino rival. Desse modo, se propôs a verificar cada uma das possibilidades para as questões variáveis desse caso. São elas:

- 1) Se os cronistas judaicos usavam Tisri ou Nissã para contar os anos dos reinados de Israel;
- 2) Se na contagem de anos em Israel (Nissã) Salomão morreu na primeira ou na segunda metade do ano.
- 3) Se as referências judaicas aos reinados israelitas consideram ou não o ano de acesso.

Com essas três variáveis foram testadas todas as oito possibilidades⁶ de critérios para a interpretação das datas dos reis de Israel. Dessas, seis possibilidades produziram resultados impossíveis, mas duas se mostraram perfeitamente possíveis. Uma delas é a de Thiele, que presume que Salomão morreu depois do primeiro dia de Tisri (segunda metade do ano) e que considera que o cronista judaico usou o ano de acesso na contagem de 1Rs 15, datando o início da construção em 966 a.C. A outra é a que presume que Salomão morreu antes do primeiro dia de Tisri e na qual o cronista não usou o ano de acesso, colocando o início da construção em 967 a.C.

3. A Data do Êxodo

Tendo em mãos duas possibilidades reais de data para o início da edificação do Templo por Salomão, resta observar a segunda relação de datas em 1Rs 6.1: O êxodo de Israel.

O primeiro problema a ser tratado nesse ponto é o da crítica textual de 1Rs 6.1. O Texto Massorético, acompanhado pela Vulgata Latina, apresenta o texto “no 480º ano” (בְּשִׁמּוֹנִים שָׁנָה וְאַרְבַּע מֵאוֹת שָׁנָה), enquanto a maioria dos manuscritos da Septuaginta apresenta “no 440º ano” (ἐν τῷ τεσσαρακοστῷ καὶ τετρακοσιοστῷ ἔτει). Apesar da

⁶ As oito possibilidades advêm do fato de haver duas possibilidades para cada uma das três variáveis, sendo multiplicadas as possibilidades entre si (2 x 2 x 2 = 8).

antiguidade da Septuaginta, o Texto Massorético possui maior autoridade que qualquer tradução, mesmo que muito antiga.⁷

Levando em conta que o texto nos informa que a construção do Templo começou “no 480º ano depois que saíram os filhos de Israel da terra do Egito”, na contagem ocidental moderna há um intervalo de 479 anos entre o êxodo e o início da construção. Tendo a construção do Templo seu começo em ano 967 a.C., a data do êxodo de Israel fica estabelecida em 1446 a.C. Caso a construção tenha começado em 966 a.C., a data do êxodo é 1445 a.C.

Assume-se como correta a data de 967 a.C. para o início da construção do Templo porque, além de ter demonstrado satisfatoriamente que ela é tão possível quanto a data sugerida por Thiele, Young demonstra por outro meio que a entrada de Israel em Canaã ocorreu no ano 1406 a.C., confirmando o êxodo em 1446 a.C.

Depois de analisar as possibilidades de datação para a morte de Salomão, passou a examinar o ensino e os relatos sobre os anos do jubileu. Ele relacionou, em primeiro lugar, os anos sabáticos e os anos do jubileu (Lv 25). O curto ciclo dos anos sabáticos (de 7 em 7 anos) e o grande impacto que causavam na vida do povo israelita, tornam improvável que houvesse qualquer tipo de confusão na contagem dos anos em Israel. Por sua vez, esses ciclos sabáticos diminuem drasticamente a possibilidade de erros de contagem em outro ciclo maior: o dos anos do jubileu (a cada 49 anos). A cada 7 anos sabáticos, celebrava-se o ano do jubileu.

A natureza das ordens dadas por Deus para serem observadas nesse ano especial cujo ciclo era de 49 anos (Lv 25.8) fazia com que ele fosse calculado e esperado por muitas pessoas em Israel.⁸ Não é provável que, nem mesmo nos piores dias dos israelitas, eles tenham se esquecido do ano do jubileu. Esse ciclo fixo serve de modo relevante ao cronologista.

O Talmude registra duas ocorrências do jubileu: um no décimo oitavo ano de Josias (*b. Meg. 14b*), e outro que foi anunciado no dia da expiação descrito em Ez 40.1 (*b. Arak. 12a*). O jubileu associado à Ez 40.1 é chamado no Talmude de “décimo sétimo e último”, fazendo o dos dias de Josias ser o “décimo sexto” jubileu.⁹ O notável é que o espaço de tempo entre essas duas ocorrências é de exatamente 49 anos.

Como o décimo sexto jubileu foi observado em 623 a.C. (décimo oitavo ano do reinado de Josias), é possível calcular em que ano foi observado o primeiro jubileu. Entre o primeiro e o décimo sexto há 15 intervalos de 49 anos, totalizando 735 anos. Sendo assim, o primeiro jubileu que os israelitas guardaram na terra de Canaã ocorreu em 1358 a.C. Considerando que a contagem para o primeiro jubileu começou no ano da invasão de Canaã e o jubileu foi guardado no 49º ano, há um intervalo de 48 anos entre

⁷ Waltke, Bruce K. “Textual Criticism of the Old Testament” In *The Expositor's Bible Commentary: Volume 1*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1979, p. 226.

⁸ No ano do jubileu os escravos eram libertados, as terras vendidas eram resgatadas pelas famílias dos donos originais e não devia haver plantio. Além disso, os valores das propriedades eram calculados pela quantidade de anos que faltavam até chegar o ano do jubileu.

⁹ O décimo sétimo jubileu não foi observado porque os israelitas estavam no cativeiro.

a invasão e o primeiro jubileu. Portanto, a conquista de Canaã começou no ano 1406 a.C., o que fixa o êxodo no ano de 1446 a.C, coincidindo perfeitamente com o 480º ano antes do início da construção do Templo em 967 a.C.

Apesar dessa perfeita conexão de datas, muitos estudiosos defendem que o êxodo ocorreu no século XIII e não no século XV, alegando que há uma correspondência melhor nessa data com as evidências históricas e arqueológicas. Para isso consideram que 1Rs 6.1, ao falar de 480 anos, o faz figuradamente. Kenneth Kitchen propõe duas possíveis datas: 1290 ou 1304 a.C.¹⁰ Para John Bright uma data plausível para o êxodo é a fase final do reinado de Ramessés II (1290-1224).¹¹ O principal motivo para essa proposta é que não há evidências arqueológicas de uma campanha militar antes do século XIII.

O motivo de não haver tais evidências está relacionado ao caráter da conquista israelita. Diferente de outros povos, Israel tomou Canaã sem destruir suas cidades, com exceção de Jericó, Ai e Hazor.¹² Os israelitas receberam a promessa de habitar em cidades que eles não edificaram (Dt 6.10). Bruce Waltke expõe o erro dos defensores de um êxodo tardio ao “ignorar a evidência textual de que estas cidades não foram queimadas antes de os israelitas as ocuparem, presumindo que a captura israelita de uma vila era susceptível de ser marcada pela destruição.”¹³

Quanto às destruições de Jericó, Ai e Hazor, Merrill cita estudos arqueológicos na cidade de Hazor que estipularam a data da sua destruição exatamente coincidente com a data calculada pelo relato bíblico (ca. 1400 a.C.).¹⁴ Waltke também relata o resultado de escavações em Jericó que constataram uma destruição anterior ao reinado de Amenotepe IV, tendo em vista a ausência de artefatos arqueológicos característicos desse período e a ausência de relatos sobre Jericó nas cartas de Amarna.¹⁵ Merrill Unger escreve: “Garstang fixa a data da destruição de Jericó (cidade “D”) em cerca de 1400 a.C., o que certamente concorda com as representações bíblicas da época da sua queda e da conquista de Canaã.”¹⁶

Um problema óbvio que surge diante da proposta do êxodo no século XIII é o intervalo de tempo inapto para conter os acontecimentos entre a saída de Israel do Egito e o início da monarquia israelita (1051 a.C.). Se a data de 1290 a.C. for tomada como correta para o êxodo, a conquista de Canaã só teria iniciado em 1250 a.C. Sobraria apenas dois séculos para a conquista, para o restante da vida de Josué e dos anciãos que

¹⁰ Kenneth A. Kitchen, *Ancient Orient and Old Testament*. London: Inter-Varsity Press, 1966. p.58. Essa mesma posição é defendida por R. A. Parker (*JNES* 16 (1957), pp. 42-43). Segundo Parker, entre as duas datas, a de 1290 a.C. seria a mais provável.

¹¹ John Bright, *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 158-159.

¹² Eugene Merrill, *História de Israel no Antigo Testamento*, (6ª ed.). São Paulo: CPAD, 2007, p. 119.

¹³ Bruce K. Waltke, *Palestinian Artifactual Evidence Supporting the Early Date of the Exodus*. *Vetus Testamentum*, 17/1, 1967, p. 34.

¹⁴ *ibidem*, p. 120.

¹⁵ Bruce K. Waltke, *The Date of the Conquest*. *Westminster Theological Journal* 52/2, 1990, p. 191.

¹⁶ Merrill F. Unger, *Arqueologia do Velho Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2004, p. 136.

“sobreviveram por muito tempo depois de Josué” (Jz 2.7) e para a atuação de todos os juízes israelitas, o que é realmente muito improvável.

De qualquer modo, segundo essa proposta o faraó de quem Moisés teria fugido por matar um egípcio seria Ramessés II. Ele é o único nesse período que teve um reinado de mais de 40 anos, tempo decorrente entre a fuga de Moisés (Ex 2.15) e seu retorno no início do reinado de outro faraó (Ex 2.23-25 cf. Ex 7.7; At 7.23). Além disso, é necessário um reinado longo para que, sob o jugo desse faraó, os israelitas pudessem construir duas cidades-celeiros, Pitom e Ramessés (Ex 1.11).¹⁷

Se isso fosse correto o faraó do êxodo seria Merneptah. Essa possibilidade também é improvável porque a chamada “Estela de Israel” conta que Merneptah, no quinto do seu reinado, invadiu a Palestina e venceu os israelitas. A “Estela de Israel” diz: “... Israel está devastado, sua semente não permanece; Hurru tornou-se uma viúva para o Egito! Todas as terras juntas foram pacificadas; Todo aquele que estava agitado foi detido pelo Alto Rei do Alto e do Baixo Egito: Ba-en-Re Meri-Amon, o Filho de Re: Mer-ne-Ptah...”¹⁸

Para que isso fosse verdade, o êxodo, o acampamento no Sinai, a peregrinação, as vitórias sobre os reinos da Transjordânia, a invasão e a conquista de Canaã por Israel teria que ter durado no máximo 4 anos. Todo esse “achatamento” cronológico faz com que se descarte por completo essa hipótese.

Quanto ao modo de encarar os 480 anos de 1Rs 6.1 de forma figurada, outros problemas entram em questão. Os defensores do êxodo tardio alegam que os 480 anos tratam de 12 “gerações ideais” de 40 anos. Entretanto, essa geração ideal não corresponderia às gerações de fato, pois os casamentos judaicos ocorriam cedo. Assim, para que se passassem 12 gerações não seriam necessários 480 anos, mas cerca de 300 anos apenas.¹⁹

Matematicamente isso pode parecer plausível, mas não para o estudioso da história de Israel e do Oriente Médio Antigo. O Antigo Testamento fala de muitos intervalos de tempo. Se essa regra arbitrária e contrária aos métodos de pesquisa histórica for verdadeira para a interpretação dos 480 anos, também o terá de ser em relação aos 430 anos em que Israel permaneceu no Egito (Ex 12.40). Isso não é provável, pois 430 não é um número divisível por 40 (presumido tempo da geração ideal), mostrando que esse raciocínio não corresponde à prática. Além do mais, aplicando proporcionalmente a referida regra, o total de anos da estadia de Israel no Egito seria de quase 269 anos,

¹⁷ Os proponentes do êxodo no século XIII identificam a cidade-celeiro de Ramessés com Pi-Ramesses, edificada pelo próprio Ramessés II. Isso naturalmente impede que esses mesmos proponentes sugiram qualquer outro faraó para a questão em pauta.

¹⁸ J. B. Pritchard (ed.) *The Ancient Near East: An Anthology of Texts and Pictures*. Princeton: Princeton University Press, 1958, p. 378.

¹⁹ Esse cálculo pressupõe que as 12 gerações tenham tido, cada uma, o tempo médio de 25 anos, idade em que os judeus já teriam constituído uma família e uma nova geração.

tempo realmente insuficiente para que uma família de 75 pessoas (At 7.14)²⁰ se transformasse em um povo do qual apenas os homens totalizavam cerca de 600.000 (Ex 12.37). Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch demonstram matematicamente como é possível que a família de Jacó tenha, em 430 anos, se tornado um povo tão numeroso como o descrito.²¹ A mesma possibilidade não se aplica a um período de 269 anos.

Assim, a interpretação de 1Rs 6.1 deve ser literal e os 480 anos descritos nele colocam o êxodo na metade do século XV, em 1446 a.C. O faraó que reinava então era Amenotepe II (*ca.* 1453-1419 a.C.), sendo ele o faraó do êxodo a quem Moisés ordenou, em nome do Senhor, que libertasse os israelitas do jugo egípcio. Há vários indícios na história secular que corroboram esse fato.

Em primeiro lugar, o antecessor de Amenotepe II foi Tutmosis III, cujo reinado durou mais de cinquenta anos (*ca.* 1504-1450 a.C.), habilitando-o a ser o faraó de quem Moisés fugiu, conforme as considerações já feitas sobre a necessidade de esse faraó ter reinado mais de 40 anos.

Em segundo lugar, das dez pragas que Deus enviou aos egípcios devido à relutância do faraó em libertar Israel, a décima matou todo primogênito do Egito, incluindo o primogênito do faraó. O Senhor disse a Moisés: “Dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva; mas, se recusares deixá-lo ir, eis que eu matarei teu filho, teu primogênito” (Ex 4.22,23). Essa ameaça se cumpriu e foi o fator decisivo para saída dos israelitas da terra do Egito (Ex 11.5; 13.15).

A relevância desses dados está relacionada ao fato de que a sucessão ao trono de um rei normalmente beneficiava o primogênito do rei. No caso de Amenotepe II, a possibilidade de ser sucedido por seu primogênito o desqualificaria como faraó do êxodo. Porém, seu sucessor, Tutmosis IV, não era o primogênito de Amenotepe II.²² A estela conhecida como “Estela do Sonho” tem a seguinte inscrição: “Olhe para mim, me observe, meu filho Tutmosis. Eu sou teu pai, Harmakhis-Khepri-Re-Atum. Dar-te-ei o meu reino [...] Meu estado é como o de um necessitado e todo o meu corpo está se degradando. A areia do deserto, sobre a qual eu costumava estar, agora me confronta; mas eu esperei para deixar-te fazer aquilo que estava em meu coração, pois eu sabia que tu és meu filho e protetor.”²³

Esse texto, gravado entre as patas da Esfinge de Gizé, corresponde a um sonho que Tutmosis IV teve antes de se tornar faraó, no qual ele parava para descansar quando a Esfinge começou a lhe falar. A condição para ele vir a ser rei era retirar a areia que estava cobrindo a Esfinge. A condicionalidade da promessa de vir a ser rei demonstra

²⁰ O texto de Gn 46.27 diz que “setenta” pessoas vieram ao Egito, provavelmente excluindo dessa contagem a família de José que já se encontrava no Egito por ocasião da migração de Jacó com sua família e suas posses.

²¹ Carl F. Keil e Franz Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament*, Vol II, *The Pentateuch*. Edimburgo: T.&T. Clark, 1866, p. 28-29.

²² Peter Der Manuelian, *Studies in the Reign of Amenophis II*. Hildesheim: Gerstenberg, 1987, p. 40.

²³ J. B. Pritchard, *op. cit.*, p. 449.

que ele não era o herdeiro original do trono do Egito, o que seria natural ao primogênito do faraó.

Mais um fator a ser considerado é o início da escravidão dos israelitas no Egito descrita em Ex 1.8: “Se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José.”²⁴ John Rea demonstra que esse rei que “se levantou” no Egito, se levantou “contra o Egito”. Ele baseia sua afirmação na associação entre o verbo “wayyaqom” e a preposição “al” de “al Mitsrayim”. Com isso, ele propõe que esse rei que não conhecia José e que se levantou contra o Egito, é uma referência ao período dos Hicsos.²⁵ Como os Hicsos foram expulsos do Egito por Amosis I em cerca de 1570 a.C., uma data tardia para o êxodo deve ser descartada.

Outra corroboração da tese de que o faraó do êxodo foi Amenotepe II é sua lista de campanhas militares, apenas duas ou três. Tendo em vista que seu predecessor, Tutmosis III, promoveu dezessete campanhas militares, a modéstia militar de Amenotepe II é vista por Aharoni como evidência da diminuição do poder egípcio nesse período.²⁶ O motivo disso seria o grande golpe sofrido pelo Egito durante o êxodo de Israel, envolvendo tanto as pragas, quanto o enorme morticínio ocorrido no Mar Vermelho.

Um forte indício de que é verdadeira a afirmação sobre um enfraquecimento notável do Egito a partir da metade do século XV é que, além das conquistas de Amenotepe II serem quase inexistentes, essa tendência se perpetuou no século seguinte. Em meados do século XIV, o rei Rib-Hadda de Biblos escreveu ao faraó Amenotepe IV pedindo auxílio diante de uma invasão associada a uma revolta das cidades sob seu domínio. A forma do seu pedido demonstra que o faraó, pelo menos nominalmente, era o dominante sobre o rei de Biblos, mas que era incapaz de exercer um controle efetivo sobre a palestina, mesmo diante de uma vergonhosa situação para o Egito. A carta de Amarna EA 109 diz:²⁷ “Rib-Hadda diz ao seu senhor, rei de todas as terras, grande rei [...] Os filhos de Abdi-Aširta, o servo e cão, tomaram as cidades do rei e as cidades do seu prefeito como bem quiseram. [...] E você não fez nada em relação a esses atos ao ouvir a respeito deles [...] Os filhos de Abdi-Aširta fizeram os homens do Egito perambular como cães. A morte seria doce para mim.”²⁸

²⁴ Heb. וַיָּקָם מֶלֶךְ-חָדָשׁ עַל-מִצְרָיִם אֲשֶׁר לֹא-יָדָע אֶת-יְוֹסֵף.

²⁵ John Rea, *The Time of the Oppression and the Exodus*. Bulletin of the Evangelical Theological Society, 3/3, 1960, p 60-61.

²⁶ Yohanan Aharoni, M. Avi-Yonah, *The Macmillan Bible Atlas*. New York: Macmillan, 1977, p. 34.

²⁷ Rib-Hadda escreveu muitas das “cartas de Amarna”. Alguns exemplos dos motivos que o levaram a se corresponder com o faraó são: Na EA 105 ele implora ao Faraó que intervenha em uma disputa com um governante que havia confiscado dois navios mercantes de Biblos. Na EA 122 Rib-Hadda se queixa de um ataque do comissário egípcio Pihuri. Na EA 81 pede auxílio egípcio contra Amurru enviando arqueiros para defendê-lo. As cartas EA 74, 75 e 81 revelam o temor de Rib-Hadda diante dos seus inimigos, chegando a dizer que se sentia como um pássaro em uma armadilha. Na EA 84 ele diz ter perdido a cidade de Zemar para Abdi-Aširta. Na EA 89 Rib-Hadda relata um golpe de estado na cidade vizinha de Tiro, no qual foi assassinado o regente e sua família. Na EA 126 informa que os hititas estavam invadindo cidades egípcias na Síria.

²⁸ Moran, W. L. (ed.), *The Amarna Letters*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992, (EA 109).

A segunda campanha militar de Amenotepe II ocorreu no nono ano do seu reinado (ca. 1440 a.C.), dois anos após a primeira campanha, em razão de uma revolta na Síria fomentada por Carquemish.²⁹ O exército egípcio voltou dessa campanha com o produto do saque a Retenu e com a perda do território entre os rios Orontes e Eufrates. Apesar de as “estelas de Menfis e Karnak” não mencionarem nenhuma perda, o que Aharoni nota ser um hábito de Amenotepe II, mais que de qualquer outro faraó,³⁰ entre os prisioneiros trazidos ao Egito estavam 3.600 “apiru”³¹ (equivalente egípcio do acádico “habiru”).

As cartas de Amarna estão repletas de menções aos “apiru”. Petrovich comenta que muitos estudiosos da Bíblia “desavergonhadamente” associaram a palavra apiru/habiru à palavra hebraica עִבְרִי (“Hebreu”). A consequência disso foi a completa rejeição, por parte de muitos, de qualquer ligação entre os “apiru” e o povo de Israel.³²

De fato, é muito difícil associar os “apiru” das cartas de Amarna com os israelitas que conquistaram Canaã por vários motivos. Rib-Hadda, rei de Biblos, escreve ao faraó dizendo: “Você é incapaz de salvar-me de Abdi-Aširta? Todos os ‘apiru’ estão do lado dele.”³³ Entretanto, a conquista de Canaã não chegou à cidade de Biblos (Geba) cf. Sl 83.7; Ez 27.9), que fica ao norte de Tiro e de Sidom. A Fenícia permaneceu independente e se tornou parceira comercial de Israel nos reinados de Davi e Salomão. Os próprios habitantes de Biblos ajudaram nos preparos para a construção do Templo (1Rs 5.18).

Alguns estudiosos propuseram que o termo apiru/habiru não tem caráter étnico, mas social. Outros sugeriram que representava um grupo de desordeiros ou que era uma designação pejorativa. Mas não parece ser o caso. Os “apiru” das cartas de Amarna, ora são citados como um povo conquistador, ora se parecem com mercenários. Na carta EA 195, Biryawaza se coloca à disposição do faraó com suas tropas, entre elas: “... meus soldados e carros, [...] meus ‘apiru’ e meus ‘suteans’.”³⁴

A citação dos 3.600 “apiru” aprisionados por Amenotepe II não parece dar margem, nesse caso, para negação de se tratar de um grupo reconhecido por sua etnia, visto que o escriba da estela de Menfis alistou em primeiro lugar a realeza, seguida pelos grupos étnicos, do qual o primeiro citado é o “apiru”. Como o término da segunda campanha militar de Amenotepe II coincide com o primeiro ano de Israel no deserto, pode ser que os egípcios tenham retornado com uma pequena cifra de israelitas que participaram do êxodo. Se isso for verdade, o termo “apiru” pode ter surgido em referência aos hebreus, enquanto escravos no Egito, e no século seguinte ter servido como uma denominação mais ampla na Palestina (período de Amarna).

²⁹ Nicolas Grimal, *Historia del Antiguo Egipto*. Madrid: Akal, 1996, p. 235.

³⁰ Yohanan Aharoni, M. Avi-Yonah, *op. cit.*, p. 108.

³¹ J. B. Pritchard, *op. cit.*, p. 247.

³² Douglas Petrovich, *Amenhotep II and the historicity of the Exodus-pharaoh*, *Master's Seminary Journal* 17:1, 2006, p. 104.

³³ Moran, W. L., *op. cit.*, (EA 82:5).

³⁴ *ibidem*, (EA 195:24).

Um apoio a essa possibilidade é o fato de Nicolas Grimal relatar que os “apiru” são mencionados como “fazedores de vinho”, nos dias do faraó Tutmosis III,³⁵ antecessor de Amenotepe II. Essas menções foram encontradas nas tumbas do segundo profeta de Amon, Puimre (TT 39) e na tumba do arauto do rei, Antef (TT 155).³⁶ Essas inscrições são do período em que Israel estava sob o jugo egípcio e em situação condizente com a desses fazedores de vinho, que eram escravos na região de Tebas na época do faraó Tutmosis III.

Assim, associando a evidência histórico-arqueológica ao relato bíblico e às datas apresentadas nas Escrituras, não há outra data para o êxodo de Israel que não seja a metade do século XV.

4. A Conquista de Canaã e a Morte de Josué e dos Anciãos

Tendo o êxodo ocorrido no ano 1446 a.C., após quarenta anos de peregrinação no deserto (Js 5.6) Israel estava prestes a cruzar o Jordão e iniciar a conquista de Canaã em 1406 a.C. Josué estava a frente do povo em lugar de Moisés (Dt 31.23). Ele liderou o povo na travessia do rio, circuncidou os homens que nasceram no deserto e celebrou a Páscoa no acampamento em Gilgal, na primavera do ano 1406 a.C. (*cf.* Js 5.10,11).

Não há necessidade de falar sobre os detalhes da conquista, mas da sua duração. Graças às informações prestadas por Calebe, essa não é uma tarefa difícil. Calebe afirmou ter 40 anos de idade quando Moisés o enviou de Cades-Barnéia para espiar a terra de Canaã (Js 14.6,7). Isso aconteceu em 1445 a.C., pouco mais de um ano após a saída de Israel do Egito (Nm 13.3-5 *cf.* 10.11-13), de modo que Calebe nasceu no ano 1485 a.C.³⁷

Quando as campanhas militares de Israel em Canaã chegaram ao fim e a terra foi dividida por sortes entre as tribos, Calebe recebeu em herança a cidade de Hebrom, tendo então a idade de 85 anos (Js 14.10). Assim, o término da conquista de Canaã e o assentamento de Israel se deu no ano 1400 a.C., seis anos após a travessia do Jordão.

Dependendo de quantos meses se passaram entre a saída dos israelitas do Sinai e o envio dos espias, somado à possibilidade de Calebe estar próximo do seu 86º

³⁵ Nicolas Grimal, *op. cit.*, *loc. cit.*.

³⁶ O termo “TT 39” faz referência à tumba localizada em El-Khokha, na necrópole tebana, do lado ocidental do Nilo, onde foi enterrado o membro da nobreza de nome Puimre, que além de profeta de Amon durante o reinado de Tutmosis III e de Hatshepsut, era também arquiteto. O termo “TT 155” se refere à tumba localizada no mesmo local, onde foi enterrado o arauto do rei de nome Antef. Os montes e penhascos da necrópole do lado oposto do rio em relação à cidade de Tebas, formam uma colméia de tumbas de onde surgiram inúmeras informações preciosas.

³⁷ Essa data pode variar em um ano para mais ou para menos, pois não é possível saber quanto tempo levou entre a saída de Israel do Sinai e o envio dos espias. Se esse tempo for superior a 7 meses, assim como o tempo decorrido desde o 40º aniversário de Calebe, ele pode ter nascido em 1484 a.C.; por outro lado, se a jornada até Cades-Barnéia durou apenas dois meses e Calebe estivesse há menos de quatro meses do seu 41º aniversário, ele pode ter nascido em 1486 a.C.

aniversário, é possível que já fosse o ano de 1399 a.C., sete anos após a entrada em Canaã. Entretanto, não é preciso supor necessariamente que a viagem entre o Sinai e Cades-Barnéia tenha levado muito tempo, visto que, mesmo com todos os percalços, o tempo de viagem do Egito ao Sinai foi de 2 meses (Ex 19.1). Os israelitas deixaram a região do monte Sinai no 23º dia do 2º mês do 2º ano. Considerando que o mês judaico de Nissã é referente a abril/maio, os israelitas partiram para Cades-Barnéia em meados de junho, chegando a Cades-Barnéia em meados de agosto do mesmo ano. Não há razões para supor que Moisés, tendo lá chegado, tenha retardado o envio dos espias, ocasião na qual Calebe contava com a idade de 40 anos e que data o fim da conquista de Canaã em 1400 a.C.

O período dos juízes não começou antes da morte de Josué e dos anciãos do povo (Jz 2.7-16). Quando a distribuição das terras aos israelitas começou, Josué foi chamado de “idoso” por Deus (Js 13.1 *cf.* v.7). Josué tinha mais de 20 anos quando foi enviado como espia a Canaã porque, caso contrário, não faria sentido algum Deus dizer que morreriam no deserto todos os homens com mais de 20 anos com exceção de Josué e Calebe (Nm 14.29,30).

Também não é provável que Josué tivesse menos de 30 anos, pois nem se qualificaria para ser enviado em uma missão tão importante quanto espionar a terra e dar um relatório ao povo, nem faria jus ao título de זָקֵן בְּיָמָיו (“ancião entrado em dias”, Js 13.1). Além do mais, os anciãos de Israel que “sobreviveram por muito tempo depois de Josué e que viram todas as grandes obras feitas pelo Senhor a Israel” (Jz 2.7), tinham, provavelmente, cerca de 20 anos na rebelião em Cades-Barnéia.³⁸ O fato de terem vivido um bom tempo depois da morte de Josué sugere que eram mais novos que ele. Por outro lado, não é provável que fosse mais velho que Calebe, pois dificilmente seria chamado de נָעַר (“moço”, Ex 33.11) quando servia Moisés no acampamento do Sinai.

Há quem proponha que Josué tinha cerca de 40 anos quando foi enviado a espionar Canaã, assim como Calebe, e essa é uma boa proposição. Uma idade por volta de 40 anos³⁹ é possível e, tanto atende bem à designação de “moço” ao servir Moisés no Sinai, tendo em vista que Moisés tinha o dobro dessa idade, quanto o coloca como um “ancião” na casa dos 90 anos por ocasião do assentamento de Israel na terra de Canaã. Josué viveu 110 anos, falecendo por volta de 1375 a.C. (Js 2.8). Como os anciãos ainda viveram algum tempo após sua morte, 1370 a.C. é uma boa data para o início do período dos juízes.

³⁸ Não é provável que esses anciãos fossem infantes na época do êxodo porque a menção de que eles “viram todas as grandes obras feitas pelo Senhor a Israel” dá ênfase à idéia de que não apenas viram as pragas no Egito, a travessia do mar e o suprimento no deserto, mas também entenderam os acontecimentos e os traziam na memória.

³⁹ Uma idade mais avançada para Josué na entrada de Canaã se adapta melhor ao contexto do juizado de Otniel, irmão mais novo de Calebe (vide ponto 5: “O Período dos Juízes”).

5. O Período dos Juízes

Com início por volta de 1370 a.C., o período dos juízes encerra obrigatoriamente na metade do século XI, em 1051 a.C., com o início do reinado de Saul. Essa data é obtida tendo em vista o ano de 971 a.C. para o início do reinado de Salomão e os 40 anos de reinados, tanto de Davi (2Sm 5.4), quanto de Saul (At 13.21). Tem-se, com isso, pouco mais de 3 séculos para os acontecimentos narrados no livro dos Juízes e nos oito primeiros capítulos de 1Samuel (*ca.* 1370 – 1051 a.C.).

A primeira dificuldade é que a soma dos anos de perseguição sofrida por Israel e de atuação dos seus juízes é bem superior aos cerca de 320 anos que compreendem o período. O quadro abaixo, organizado por Carlos Osvaldo Cardoso Pinto, reúne as informações cronológicas registradas no livro de Juízes.

Os juízes de Israel e seus juizados ⁴⁰					
Juízes	Tribo	Anos de juizado	Opressor	Anos de opressão	Texto
Otniel	Judá	40	Arameus	8	Jz 3.7-11
Eúde	Benjamim	80	Moabitas	18	Jz 3.12-30
Sangar			Filisteus		Jz 3.31
Débora	Efraim	40	Cananeus	20	Jz 4 – 5
Gideão	Manasses	40	Midianitas	7	Jz 6 – 8
Tola	Issacar	23			Jz 10.1,2
Jair	Manasses	22			Jz 10.3-5
Jefté	Manasses	6	Amonitas	18	Jz 10.6 – 12.7
Ibsã	Judá	7			Jz 12.8-10
Elom	Zebulom	10			Jz 12.11,12
Abdom	Efraim	8			Jz 12.13-15
Sansão	Dã	20	Filisteus	40	Jz 13 – 16

A simples soma do tempo de atuação dos juizes israelitas dá um total de 296 anos. O tempo de perseguição informado no livro de Juízes é de 111 anos. A soma entre o tempo de perseguição sofrido por Israel no período dos juízes e o tempo referente aos juizados é de 407 anos, superando em muito o limite de 320 anos para esse período.

A conclusão diante dessa realidade é que alguns relatos de perseguições e de juizados se sobrepõem. Isso condiz perfeitamente com o caráter regional e tribal das perseguições, tendo em vista os povos que atacaram as tribos israelitas e os juízes levantados por Deus. Archer diz que é preciso entender que houve períodos nos quais duas carreiras coincidiram no todo ou em parte. Ele apresenta como prova disso o texto de Jz 10.7 que mostra que a perseguição sob os amonitas e sob os filisteus se deu ao

⁴⁰ Carlos Osvaldo Cardoso Pinto, *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*, São Paulo: Hagnos, 2006, p. 221.

mesmo tempo, presumindo que ao mesmo tempo também atuaram os juízes que combateram esses povos.⁴¹

O primeiro dos juízes foi Otniel (Jz 3.7-11). Seu surgimento se deu em resposta à perseguição de Cusã-Risataim, rei de Aram Naharaim.⁴² Essa perseguição, seguindo o esquema cronológico aqui adotado, se deu por volta da década de 1360 a.C., de modo a situar o juizado de Otniel entre 1360 a.C. e 1320 a.C. Essa parece ter sido a única das opressões que atingiu todo o país. Os arameus ocupavam o território ao norte de Israel. O fato de Otniel, morador de Judá, ter atuado em defesa dos israelitas, mostra que a opressão impetrada pelos arameus não se limitou às tribos do norte. A partir de então, ao que tudo parece, os juízes foram levantados nas próprias proximidades das terras afligidas.⁴³

Calebe, irmão de Otniel, nasceu por volta de 1485 a.C., 165 anos antes do final da paz decorrente do juizado de Otniel. Imaginando que Otniel tenha começado a julgar Israel com 60 anos e tenha falecido aos 100 anos, Calebe seria 65 anos mais velho que Otniel, seu irmão “mais novo” (Jz 3.9). Não há nenhuma impossibilidade nesses números. Se Jefoné tinha cerca de 20 anos no nascimento de seu filho Calebe, teria por volta de 85 anos no nascimento de Otniel, um ano menos que Abraão quando teve Ismael (Gn 16.16). É possível até que Jefoné tivesse uma idade ainda menor no nascimento de Calebe, diante do hábito antigo de se casar com pouca idade. Roland de Vaux escreveu: “... Joaquim se casou aos 16 anos, Amom e Josias já aos 14. [...] Mais tarde, os rabinos determinaram a idade mínima do casamento para as moças aos 12 anos, e aos 13 anos para os moços.”⁴⁴ Apesar de Jefoné não ser de origem israelita, as observações de Roland de Vaux a cerca dos hábitos antigos de Israel revelam a cultura do Oriente Médio Antigo.

A partir de Otniel, não é fácil datar os acontecimentos subseqüentes, a não ser por Jefté (Jz 10.6 – 12.7). Ele era natural de Gileade e foi convocado para liderar os israelitas depois de 18 anos de perseguição amonita na Transjordânia com incursões em Benjamim, Judá e Efraim. Jefté entrou em conversação com o rei amonita, o qual exigiu que lhe fosse devolvida a terra a leste do Jordão entre o ribeiro de Arnom e o ribeiro de Jaboque (Jz 11.13). Em resposta Jefté resumiu a história da chegada de Israel à Transjordânia, deixando incólumes Edom e Moabe e sendo posteriormente atacado por

⁴¹ Gleason L. Archer Jr., *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 200.

⁴² O texto de Jz 3.8,10 diz que Cusã-Risataim era “rei da Mesopotâmia”. A história do Oriente Médio Antigo descarta a possibilidade de haver um rei de “toda” a Mesopotâmia. O reino mais próximo de Israel dentro da Mesopotâmia era Aram Naharaim, reino que interferiu várias vezes na história de Israel.

⁴³ Benjamim, de Eúde, fica do outro lado do rio em relação à Moabe. Benjamim (se Sangar também for dessa tribo) é limítrofe do território filisteu. Efraim fica distante de Hazor, mas, a julgar pelo local do ataque de Sísera, o ribeiro de Quisom, tratava-se de uma invasão cananita rumo ao sul (Apesar de Débora ser de Efraim, Baraque pertencia à tribo de Naftali, onde ficava Hazor do rei cananita Jabim). Manasses Ocidental fica próximo de Harode, na região do vale de Jezreel. Manasses oriental se localiza na Transjordânia, assim como o povo amonita. Dã, de Sansão, faz fronteira com a Filístia.

⁴⁴ Roland de Vaux, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 52.

Seom de Hesbom, rei dos amorreus, de quem tomou as terras que agora eram reclamadas pelos filhos de Amom.

A primeira parte do argumento de Jefté é que os amonitas não possuíam tais terras nem mesmo antes da chegada de Israel. A segunda parte fazia menção ao longo tempo que Israel já possuía a região. Com certa ironia Jefté diz ao rei amonita: “Enquanto Israel habitou trezentos anos em Hesbom e nas suas vilas, e em Aroer e nas suas vilas, e em todas as cidades que estão ao longe do Arnom, por que vós, amonitas, não as recuperastes durante esse tempo?” (Jz 11.26).

Ao dizer isso, Jefté não apenas defendeu o direito legítimo de posse das terras além do Jordão, como também informou o tempo que Israel já detinha tais terras: 300 anos.⁴⁵ A tomada desse território se deu pouco antes da entrada de Israel em Canaã, em 1406 a.C. Isso coloca Jefté enfrentando os amonitas por volta de 1106 a.C., e o início da perseguição amonita em 1124 a.C. Como o juizado de Jefté durou 6 anos, seu final ocorreu por volta de 1100 a.C.

A partir disso, temos algumas datas para servirem de parâmetro a fim de localizar cronologicamente o restante do relato:

Cronologia Parcial do Período dos Juízes		
Evento	Início <i>(datas aproximadas)</i>	Término <i>(datas aproximadas)</i>
Morte de Josué	1375 a.C.	-
Morte dos anciãos	1370 a.C.	-
Opressão dos arameus	1368 a.C.	1360 a.C.
Juizado de Otniel	1360 a.C.	1320 a.C.
Opressão dos amonitas	1124 a.C.	1106 a.C.
Juizado de Jefté	1106 a.C.	1100 a.C.
Coroação de Saul	1051 a.C.	-

O quadro acima apresenta dois vácuos cronológicos: Um de 1320 a.C. até 1124 a.C. (Desde o final do juizado de Otniel até o início da perseguição amonita) e outro de 1100 a.C. até 1051 a.C. (Desde o final do juizado de Jefté até a coroação de Salomão). Apesar da ausência de datas e de relações cronológicas entre eventos, o livro de Juízes, assim como outros livros históricos como Gênesis, Êxodo, Samuel e Reis, parece ter sido composto levando em conta a ordem dos acontecimentos.

Uma evidência disso é o uso da expressão אַחֲרָיו (“depois dele”). Washburn nota que a expressão “depois dele” introduz os relatos de Sangar (3.31), Tola (10.1, diz “depois de Abimeleque”), Jair (10.3), Ibizã (12.8), Elom (12.11) e Abdom (12.13).⁴⁶ Outra

⁴⁵ Esses 300 anos dificilmente compreendem o tempo exato entre a tomada de Hesbom e o discurso de Jefté. É bem possível que se trate de uma aproximação, sem, contudo, introduzir alterações significativas à análise em questão.

⁴⁶ David L. Washburn, *The Chronology of the Judges: Another Look*. Bibliotheca Sacra, 147/588, 1990, p. 418.

evidência é a seqüência de pecados dos israelitas. Steinmann expõe ciclos que são iniciados com “fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor” (Jz 2.11; 6.1) e “tornaram, então, os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o Senhor” (Jz 3.12; 4.1; 10.6; 13.1).⁴⁷

O livro de Juízes apresenta, entre os relatos de Otniel e de Jefté, os juízes Eúde, Sangar, Débora e Baraque, Gideão, Tola e Jair; depois de Jefté são apresentados Ibizã, Elom, Abdom e Sansão. É importante notar a história de Abimeleque é registrada no livro de Juízes, mas o curso dessa história o diferencia dos juízes levantados por Deus e o coloca mais próximo de um usurpador e um fracassado candidato a rei, que de um juiz cuja função era libertar os israelitas de opressões estrangeiras. Deve-se também notar que o livro de 1 Samuel relata que Eli “havia julgado Israel quarenta anos” (1Sm 4.18) e que Samuel “julgou os filhos de Israel em Mispa” (1Sm 7.6).

Após a paz de 40 anos decorrente do juizado de Otniel, o rei de Moabe, Eglom, atravessou o Jordão e tomou Jericó, afligindo os israelitas por 18 anos. Como não há como saber quanto tempo levou para que os Israel se afastasse de Deus depois da morte de Otniel, supor 10 anos de desobediência antes do castigo divino é uma boa opção.⁴⁸ Isso faria com que o domínio de Eglom em Jericó ocorresse entre 1310 a.C. e 1292 a.C. Em resposta ao clamor do povo, o Senhor levantou Eúde. Ele venceu os moabitas e a terra teve paz por 80 anos, entre 1292 a.C. e 1212 a.C.

Sangar sucedeu Eúde (Jz 3.31). A libertação promovida por Sangar parece ter-se resumido a uma única batalha contra os filisteus, na qual ele matou 600 inimigos. Apesar de o texto dizer que Sangar surgiu depois de Eúde (אַחֲרָיו, “depois dele”), não é necessário datar Sangar depois de 1212 a.C., já que o tempo de 80 anos são referentes à paz na região centro-leste (Jz 3.30) e não ao tempo de vida de Eúde depois de libertar o povo. Merrill propõe que Sangar tenha travado a referida batalha por ocasião da chegada dos “Povos do Mar”, em cerca de 1230 a.C.⁴⁹

Por volta de mesma época, Jabim, rei de Hazor, começou a oprimir tribos do norte tendo Sísera como general. Essa opressão durou 20 anos. Sísera liderava um exército que possuía “carros de ferro” (Jz 4.13). Apesar de esses carros terem surgido na Palestina apenas por volta de 1200 a.C., Robert Drews observa que escavações arqueológicas descobriram que no segundo milênio eram usados em Canaã carros de madeira armados e fortificados com ferro.⁵⁰ Um dado que facilita a datação desse evento é a conclusão arqueológica de Ygael Yadin de que houve uma destruição da cidade de Hazor por volta de 1230 a.C.⁵¹ Uma destruição como essa é descrita

⁴⁷ Andrew E. Steinmann, *The Mysterious Numbers of the Book of Judges*. Journal of the Evangelical Theological Society 48/3, 2005, p. 492.

⁴⁸ Apesar de não ser possível calcular o intervalo entre a morte de cada juiz e o pecado subsequente de Israel, o texto de Jz 2.17 demonstra uma dinâmica na qual é mais provável que tais intervalos tenham sido curtos.

⁴⁹ Eugene Merrill, *op. cit.*, p. 168.

⁵⁰ Robert Drews, *The ‘Chariots of Iron’ of Joshua and Judges*. Journal for the Study of the Old Testament n° 45, 1989, p. 17.

⁵¹ Eugene Merrill, *idem*.

exatamente como resultado da libertação efetuada por Débora, tendo Baraque como comandante do exército israelita (Jz 4.24). Assim, a perseguição dos cananeus durou de 1250 a.C. a 1230 a.C. e a paz de 40 anos que sucedeu essa libertação durou de 1230 a.C. a 1190 a.C.

Como a próxima opressão veio pelos midianitas à mesma região pacificada por Débora e Balaque, ela só pode ter ocorrido após o final dos 40 anos de paz, em 1190 a.C. Essa perseguição levou muitos moradores de Israel a morar em cavernas e durou 7 anos, terminando por volta de 1183 a.C. Diante disso, Gideão foi levantado por Deus como um juiz e derrotou os midianitas⁵² no vale de Jezreel, onde estavam acampados, e os perseguiu também no lado oriental do rio, na Transjordânia, capturando e matando líderes midianitas. A paz nessa região teve a duração de 40 anos (Jz 8.28), até por volta de 1143 a.C.

Após a morte de Gideão, houve nessa região um conflito interno. Abimeleque, filho do próprio Gideão, matou seus irmãos e passou a dominar as cidades de Siquém e Betemilo (Jz 9.6). Ele viveu apenas 3 anos depois disso, tendo sido morto por volta do ano 1140 a.C.

Depois de Abimeleque surgiu Tola, que julgou Israel por 23 anos. Um período possível desse juizado é entre 1135 a.C. e 1112 a.C. Jair, que se levantou depois de Tola, atuou na mesma região e época que Jefté, porém mais ao sul. A localização da sua atuação coincide perfeitamente com a perseguição amonita enfrentada por Jefté. Jair julgou Israel por 22 anos, provavelmente entre 1105 a.C. e 1083 a.C., pois, tendo em vista o assédio dos gileaditas para que Jefté os liderasse, é improvável que Jair o tenha antecedido. Por outro lado, devido à retração sofrida pelos filhos de Amom naquela região, não é provável que Jair tenha começado sua libertação muito depois do início do juizado de Jefté.

Depois da morte de Jefté em 1100 a.C., três juízes foram subseqüentemente levantados: Ibsã durante 7 anos (1099-1092 a.C.) o qual, sendo de Judá, pode ter combatido os filisteus; Elom de Zebulom por 10 anos (1091-1081 a.C.) e Abdom de Efraim por 8 anos (1080-1072 a.C.).

Na mesma época em que Deus castigou Israel com a opressão amonita (1124 a.C.), também o fez por meio da opressão filistéia (Jz 10.7). Essa opressão, que durou 40 anos, perdurou até 1084 a.C. (Jz 13.1). Após o início da opressão filistéia, Sansão nasceu de uma mulher estéril. Ele lutou contra os filisteus por 20 anos, morrendo exatamente quando infligiu o maior golpe contra os filisteus, matando “mais na sua morte do que os que matara na sua vida” (Jz 16.30). Isso aconteceu no máximo no ano de 1084 a.C. Seu juizado durou 20 anos, tendo assim começado em 1104 a.C., quando não tinha mais que 19 anos de idade.

⁵² O texto de Jz 6.33 diz que junto aos midianitas estavam acampados também amalequitas e povos do Oriente.

O fato é que a vitória definitiva sobre o jugo de 40 anos dos filisteus, em 1084 a.C., foi de Samuel (1Sm 7.13,14). Nessa ocasião a arca da aliança estava em Quiriate-Jearim havia 20 anos (1Sm 7.2ss), pois que foi tomada no dia da morte de Eli, em 1104 a.C. Como Eli julgou Israel por 40 anos (1Sm 4.18), o início do seu sumo sacerdócio se deu em 1144 a.C.⁵³ Quanto ao juizado de Samuel, ele iniciou na vitória sobre os filisteus em 1084 a.C. e terminou com a coroação de Saul em 1051 a.C., que, assumindo a liderança militar de Israel, livrando Samuel desse encargo para continuar atuando como profeta.

Feitas todas essas considerações, pode-se formular um quadro que apresente uma possível cronologia do período dos juízes que esteja de acordo com os relatos bíblicos e com a história e a arqueologia do Oriente Médio Antigo. O quadro a seguir expressa a cronologia do período conforme foi proposta:

Cronologia do Período dos Juízes		
Evento	Início <i>(datas aproximadas)</i>	Término <i>(datas aproximadas)</i>
Morte de Josué	1375 a.C.	-
Morte dos anciãos	1370 a.C.	-
Opressão dos arameus	1368 a.C.	1360 a.C.
Juizado de Otniel	1360 a.C.	1320 a.C.
Opressão dos moabitas	1310 a.C.	1292 a.C.
Juizado de Eúde e paz na região centro-leste	1292 a.C.	1212 a.C.
Opressão dos cananeus	1250 a.C.	1230 a.C.
Tentativa de invasão filistéia e libertação por Sangar	1230 a.C.	-
Juizado de Débora e Baraque	1230 a.C.	1190 a.C.
Opressão dos midianitas	1190 a.C.	1183 a.C.
Juizado de Gideão	1183 a.C.	1143 a.C.
Governo de Abimeleque	1143 a.C.	1140 a.C.
Sumo sacerdócio de Eli	1144 a.C.	1104 a.C.
Juizado de Tola	1135 a.C.	1112 a.C.
Opressão dos filisteus	1124 a.C.	1084 a.C.
Opressão dos amonitas	1124 a.C.	1106 a.C.
Juizado de Jefté	1106 a.C.	1100 a.C.
Juizado de Jair	1105 a.C.	1083 a.C.
Juizado de Sansão	1104 a.C.	1084 a.C.
Juizado de Ibsã	1099 a.C.	1092 a.C.
Juizado de Elom	1091 a.C.	1081 a.C.
Juizado de Abdom	1080 a.C.	1072 a.C.
Juizado de Samuel	1084 a.C.	1051 a.C.
Coroação de Saul	1051 a.C.	-

⁵³ Considerando a atuação de Eli à porta da cidade, seu juizado deve estar mais ligado à função sacerdotal e a tarefa de um juiz de direito do que de um libertador de Israel.

6. Conclusão

Da análise da cronologia do relato bíblico entre a saída de Israel do Egito, evento conhecido como êxodo, e o início da construção do Templo de Jerusalém por Salomão, concluí-se que:

- a) Não há razões, nem bíblicas, nem históricas, que desmereçam a veracidade do relato registrado nas Escrituras sobre o período e sobre os eventos em questão.
- b) Não existe espaço de tempo suficiente para a história da conquista, do assentamento e dos juízes de Israel diante da proposta de um êxodo tardio (século XIII).
- c) O êxodo em meados do século XV corresponde à data descrita em 1Rs 6.1 e se encaixa perfeitamente com o relato e com os números do período dos juízes.
- d) A cronologia apresentada no livro de Juízes para as opressões e para os juizados é perfeitamente plausível, atestando a confiabilidade dos relatos bíblicos.